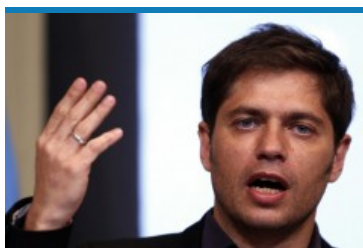


13/02/2017 às 05h00

O mundo sempre foi protecionista, diz Kicillof

Por Marsilea Gombata | De Buenos Aires

Ex-ministro da Economia de Cristina Kirchner, Axel Kicillof é hoje um dos principais nomes da oposição no Congresso argentino. Se durante os anos em que esteve no Executivo era hostil com a imprensa, hoje concorda em sair a público para criticar o governo de Mauricio Macri, ao qual vê como uma releitura neoliberal dos anos 1990, marcados pelas privatizações do governo de Carlos Menem, e se defender das críticas ao protecionismo do governo anterior.



Kicillof: Empresários podem lucrar, mas devem investir como contrapartida

"O mundo não está se tornando protecionista, sempre foi", disse ao **Valor** ao ser questionado sobre políticas protecionistas adotadas por Cristina Kirchner em contraposição aos Estados Unidos pré-Donald Trump ou à União Europeia. "Com o Mercosul sempre tivemos muita dificuldade para colocar nossa produção na Europa e nos EUA. Isso não é livre comércio, é protecionismo assimétrico."

Atual presidente da Comissão de Economia da Câmara dos Deputados, Kicillof conversou com o **Valor** na manhã de uma sexta-feira no Social Parilla, que ostenta temas futebolísticos e homenageia Orión, ex-goleiro do Boca Juniors e irmão do dono do bar em Villa Urquiza, Buenos Aires.

Antes de a entrevista começar, o economista, que lecionou na Universidade de Buenos Aires, olhou para as mesas e lamentou: "Até o fim de 2015 ficavam cheias. O dono revela uma queda de 40% nas vendas em um ano. É a crise", disse para alfinetar o governo atual.

Leia a seguir os principais trechos da entrevista:

Valor: O governo Macri é acusado de governar para um grupo seleto de grandes empresas. Como avalia a política econômica atual?

Axel Kicillof: É um governo neoliberal. Quando falo de neoliberalismo me refiro a uma posição ideológica, dogmática e anacrônica. A inspiração dos funcionários do governo vem do Consenso de Washington, ou seja, foco na abertura comercial e financeira, entrada e saída livre de capitais, com ajuste monetário e fiscal. A diferença de hoje em relação aos anos 1990 é que antes era um projeto político acompanhado de privatização dos serviços e das empresas públicas. São medidas que trazem dificuldades sociais e riscos para países como Brasil e Argentina.

Valor: Mas é impossível um projeto como esse sem problemas sociais?

Kicillof: Essas políticas liquidam a indústria nacional e têm péssimo efeito em termos de emprego e condições de vida. Quando se abre a economia à

Internacional

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

Ações da Vale sobem até 8,6% com alta do minério e puxam Bovespa
16h18

Panamá decreta intervenção no FPB Bank em conexão com a Lava-Jato
13h57

China culpa EUA por lançamento de míssil da Coreia do Norte
14h12

O mundo sempre foi protecionista, diz Kicillof
05h00

Ver todas as notícias

"Escapada para a Europa no feriado é Tap"

COMPRE JÁ >

ACCESSE FLYTAP.COM OU CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS.

TAP TAP PORTUGAL

A STAR ALLIANCE MEMBER

Valor International

The English news service from Valor

AGRIBUSINESS

Amapá community expects to reap fruits of açai certification

BUSINESS

Ice cream manufacturers bet on premium brands to face sales downturn

Subscribe

Temporarily FREE

entrada maciça de importações e se libera a balança de pagamentos, acaba-se gerando um esquema que tende a favorecer os setores primários e financeiros, em detrimento do setor produtivo. Países com desenvolvimento industrial relativo, como a Argentina e o Brasil, sofrem então com uma desindustrialização acelerada.

Valor: *Quando era ministro, o senhor manteve uma série de barreiras não tarifárias às exportações brasileiras. Isso não acabou diminuindo o comércio entre países?*

Kicillof: Na verdade, nos 12 anos do nosso governo, o Brasil passou a ser nosso principal sócio comercial, mas tivemos algumas diferenças. Sendo honesto e sincero, isso ocorreu inclusive entre governos muito afins, como foram os de Lula e Dilma Rousseff. Como ministro, tive de viajar quatro ou cinco vezes ao Brasil em dois anos para discutir questões comerciais, especialmente da indústria automotiva. Mas houve crescimento do déficit comercial da Argentina com o Brasil, inclusive em 2014, quando tivemos um ano recessivo. O problema em relação à integração da indústria automotiva é que ela estava dirigida pelas empresas, e não pelos governos, que competiam e discutiam por problemas que eram das empresas. Mas, de modo geral, creio que soubemos abrir nossas economias bilateralmente sem colocar em risco as indústrias nacionais, diferentemente do faz o governo atual, cuja política econômica prejudica a indústria.

Valor: *As políticas do governo anterior são apontadas como responsáveis pelo difícil cenário econômico da Argentina. Os subsídios a energia, por exemplo, engordaram a dívida pública. O senhor concorda?*

Kicillof: Para mim, essa é uma visão muito pobre do que aconteceu na Argentina nos últimos anos. Uma coisa é o discurso, e outra coisa é o que o governo atual está fazendo. Esse governo gerou queda do salário real entre 10 e 15%, além de piorar as condições das aposentadorias e a receita da classe média. Essa queda do poder aquisitivo levou à diminuição do consumo e do mercado interno. E gerou queda da atividade produtiva. Como se não fosse o suficiente, abriram à importação de produtos fabricados localmente, como eletrônicos, têxteis e eletrodomésticos, prejudicando a indústria nacional. Abrir subitamente para as importações, apreciar a taxa de câmbio e reduzir o mercado interno não é uma política para melhorar a indústria, mas para quebrá-la.

Valor: *Brasil e Argentina se recusaram a negociar abertura comercial nos anos do boom de commodities. Agora buscam acordos, mas o mundo se torna mais protecionista. Perdemos a oportunidade?*

Kicillof: O mundo não se tornou protecionista, sempre foi. Não no discurso, mas na realidade. No caso da Argentina, do Brasil e do Mercosul sempre tivemos muita dificuldade de colocar nossa produção na Europa e nos EUA. Não tínhamos a possibilidade de colocar bens primários na UE ou nos EUA. O protecionismo era absoluto. Não perdemos oportunidades, apenas defendemos nossos interesses. Fizemos ofertas generosas para a UE, mas que fracassavam porque a Europa não estava disposta a deixar entrar carne argentina, produtos agrícolas do Brasil ou lácteos. E queriam que deixássemos entrar os produtos que lhes convém. Isso não é livre comércio, isso é protecionismo assimétrico. É uma falsa abertura porque não é bilateral. É a abertura que querem os países mais desenvolvidos: nós os deixamos entrarem com seus produtos e, como contrapartida, não deixam entrar nossos produtos competitivos. Além disso, no acordo com a UE queriam acesso a contratos de obras de infraestrutura em nossos países, mas não admitiam empresas argentinas e brasileiras fazendo obras na Europa.

Valor: *Que dificuldades o sr. teve no relacionamento com o Brasil?*

Kicillof: Apesar de ter sido uma época em que a ideia de unidade latino-americana esteve mais presente do que nunca na história recente, faltou avançar em integração bilateral e regional, particularmente na parte produtiva e industrial. Faltou integrar mais as cadeias de valor entre os países, uma integração que só podia ser alcançada com maior protagonismo dos Estados. Houve integração guiada pelo mercado, mas faltou um planejamento entre os países do Mercosul, em particular Brasil e Argentina. Temos uma indústria automotiva em permanente conflito, pois os carros se produzem de um lado da fronteira e as autopeças do outro. Podíamos ter aproveitado, por exemplo, para os dois Estados terem fomentado uma



Newsletter

O melhor conteúdo em economia, negócios e finanças gratuitamente direto em seu e-mail.

Receba Gratuitamente

Petróleo

(em dólares por barril)

[WTI](#) [Brent](#)

WTI		
Meses	Ajuste	Osc.
mar/17	52,93	-0,93
abr/17	53,43	-0,90
mai/17	53,86	-0,92
jun/17	54,25	-0,93
jul/17	54,56	-0,93
ago/17	54,76	-0,93

[Veja as tabelas completas no ValorData](#)

Fontes: Dow Jones Newswires e Valor PRO.

empresa binacional, com participação pública e privada, para fazer um automóvel médio para as classes populares. Com isso, poderíamos ter tido 100% de integração, com todas as peças produzidas no Brasil e na Argentina. As empresas seriam obrigadas a produzir todos os componentes aqui, inclusive os mais tecnológicos, como computadores de bordo, que não são feitos em nossos países. Era uma oportunidade de chegar a um acordo com as empresas para darmos um salto tecnológico e deixarmos de ser dependentes dos países centrais. Mas isso tem de ser feito com a participação do governo, porque senão a Volkswagen, a Fiat e a Renault deixarão a produção das partes de maior valor agregado em seus países de origem.

Valor: *Mas isso não faria as empresas saírem daqui?*

Kicillof: Não. Elas não saíram nem no momento de proteção nem no momento de abertura. Mas o governo tem de impor condições, e as condicionantes não podem vir apenas do Brasil ou da Argentina, têm de vir de vir de ambos os países conjuntamente.

Valor: *A Argentina passou 12 anos brigando com o mundo. Foi abandonada pelos investidores estrangeiros. Valeu a pena?*

Kicillof: Nunca o principal motor de desenvolvimento nos países emergentes foram os investimentos estrangeiros, nem mesmo nos asiáticos. Em 2016, o fluxo de investimento estrangeiro na Argentina com o governo Macri foi metade do que em 2015, mesmo com todas as suas políticas pró-mercado. Os investidores estrangeiros vêm quando há rentabilidade, e há rentabilidade quando há mercado interno. E digo mais: justamente quando a Argentina quer ser amiga da Organização Mundial do Comércio [OMC], do Fundo Monetário Internacional [FMI] e de outros organismos multilaterais, vem o presidente da principal potência mundial e diz que isso não serve para nada e ri na cara desses organismos. Outro exemplo é a promessa de Macri de incluir a Argentina na Parceria Transpacífico (TPP), da qual Trump já retirou os EUA. O governo Macri tentou ser sócio de um clube, fez todos os esforços para cumprir os requisitos, e esse clube já não existe mais.

Valor: *O sr. ainda se diz marxista?*

Kicillof: Minha tese de doutorado foi sobre o pensamento keynesiano, mas escrevia sobre Marx na academia. O problema dessas etiquetas é que tanto o keynesianismo quanto o marxismo mudaram. O mais adequado a respeito do papel do Estado em uma crise vem da escola keynesiana. É muito difícil fazer marxismo dentro de um governo. Até os governos de países comunistas quando exercem políticas econômicas fazem políticas keynesianas. Eu mesmo fiz políticas keynesianas no governo. Não trabalhamos contra o desenvolvimento do capital ou do setor privado, mas pelo desenvolvimento do país, dos empresários, dos trabalhadores e da classe média.

Valor: *Mas há exemplos de políticas econômicas marxistas de sucesso?*

Kicillof: São etapas históricas. Em 1917, quando ocorre a Revolução Russa, a Rússia era o país mais atrasado da Europa, praticamente feudal. A revolução derrubou o czar, e na Segunda Guerra a Rússia era a segunda potência mundial. Há países exitosos em aplicar os excedentes para crescer. Mas Argentina e Brasil têm dificuldade com isso: os empresários crescem, mas não investem no país. É preciso dar condições para que tenham lucro, mas colocar condicionantes para que invistam aqui.

Tweet

Share

2

G+

0

Q